



TECITURAS E NARRATIVAS DOCENTES SOBRE O PROCESSO AVALIATIVO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: reflexos na formação e prática docente

NOME DO AUTOR: SILVA, Jorge dos Santos. Universidade Federal do Maranhão-UFMA. Email: jorgesantos96silva@gmail.com

NOME DA ORIENTADORA: MONTEIRO, Karla Bianca Freitas de Souza. Universidade Federal do Maranhão-UFMA. Email: karla.bianca@ufma.br

INTRODUÇÃO

Este artigo decorre dos resultados de uma pesquisa realizada no âmbito da dissertação de mestrado em Educação (PPGEPE/UFMA), com o objetivo de analisar as representações sociais da avaliação e sua relação com a formação e as práticas pedagógicas de educadoras da Educação Infantil no município de Buriticupu, no sudoeste do Maranhão. O estudo investigou como essas educadoras compreendem o processo avaliativo e suas repercussões para a formação docente, além das influências e interferências presentes na prática pedagógica. A partir das narrativas dessas profissionais, buscamos compreender de que forma a avaliação na educação infantil é configurada e como ela impacta o processo educativo e do desenvolvimento infantil.

Compreendemos que a avaliação das crianças na Educação Infantil envolve um conjunto de desafios que decorrem além das particularidades do desenvolvimento infantil, abrangendo as concepções de infância que orientam as práticas pedagógicas. Como apontado por Hoffmann (1996), o processo avaliativo neste contexto não pode ser entendido apenas como um julgamento de resultados. Deve ser, antes, concebido como um processo contínuo de acompanhamento, mediação e reflexão sobre o significado da educação infantil, que deve ser integrado a uma visão holística da criança e do seu desenvolvimento.

Partimos do pressuposto de que as narrativas constituem dispositivos fundamentais para a compreensão da prática docente, para orientar o processo de formação de professores, para promover e repensar políticas públicas e, ainda, para revelar a práxis pedagógica. Através dessas narrativas, é possível resgatar memórias de formação e de práticas pedagógicas, permitindo o alinhamento das necessidades das crianças com os objetivos educacionais. Nesse sentido, desenvolver nosso trabalho a partir da escuta das educadoras se configura como uma prática ética, respeitosa e científica, uma vez que buscamos construir saberes que dialoguem com a tríade: formação docente, práxis pedagógica e Educação Infantil. Isso, por meio de discussões sobre a avaliação na primeira etapa da educação básica, suas configurações, reflexões e limitações.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Falar é um ato de transformação, um processo revolucionário que possibilita a expressão de histórias, descobertas e a abertura para novos rumos. Por meio das narrativas, somos capazes de compartilhar vivências e construir significados que ampliam nossa compreensão do mundo. Escrever essas narrativas, além de permitir



o registro dessas experiências, também abre espaço para o surgimento de novas discussões sobre temas relevantes, oferecendo uma perspectiva plural e enriquecedora. Diante disso, assumimos as narrativas (Auto)biográficas como dispositivo teórico metodológico para ser o fio condutor deste estudo por compreender nelas um caminho fecundo para expressar minhas vivências, permitindo maior liberdade na construção do conhecimento a partir da experiência. Esse tipo de pesquisa rompe com sisudez da escrita acadêmica, possibilitando uma escrita mais livre, sensível e ancorada na trajetória pessoal do sujeito-pesquisador e de sujeitos que co-participam deste processo.

Para coleta de dados, recorremos ao grupo focal. Para Gatti (2005), o grupo focal privilegia as discussões coletivas e a colaboração na construção do conhecimento, pois através dele, é possível discutir temas de grande relevância a partir da experiência de vida dos participantes e tornar essas discussões alvo de teorizações e de conhecimentos sistematizados. Para a autora, “o grupo focal permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação, permitindo a captação de significados que, com outros meios poderiam ser difíceis de se manifestar” (Gatti, 2005, p. 9). As sessões executadas durante a coleta de dados tinham finalidade de motivar os educadoras a refletirem sobre a prática docente através de ações dialógicas que incentivasse a criação de espaços de reflexão crítica e a tomada de consciência e emancipação.

Quanto a análise dos dados, ela se deu através da análise do conteúdo por categorização (Bardin, 1977). Dessa maneira, realizamos a transcrição das educadoras da pesquisa emergidas do grupo focal de forma integral, onde foi conduzida com total respeito às estruturas e formas discursivas empregadas. A partir do material empírico obtido por meio desse instrumento de pesquisa, realizamos uma análise detalhada que envolveu os aspectos qualitativos dos dados. Em seguida, desenvolvemos grades temáticas que permitiram a redução e sistematização dos dados, facilitando uma leitura sincrônica do corpus empírico proveniente das discussões, do diário de campo e dos processos de observação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciamos a discussão a partir da seguinte pergunta norteadora: “Para vocês, o que é avaliação na Educação Infantil?”. Tal questão serviu como ponto de partida para um diálogo entre as professoras, que compartilharam suas percepções e experiências, o que mostrou uma diversidade de representações sobre o conceito de avaliação nesse contexto educacional. Além desta, realizamos no decorrer das conversas algumas perguntas de aprofundamento para dar continuidade às conversas, tais como: “Como e o que avaliar na Educação Infantil?”. A continuidade dos tapetes iniciados anteriormente, nesse contexto, favoreceu a criação de um espaço de escuta ativa e troca de saberes, onde emergiram representações sobre o papel da avaliação no desenvolvimento infantil.

Diante das falas das educadoras, é possível inferir que, embora não possuam uma concepção explicitamente delineada que articule a práxis pedagógica às fundamentações teóricas educacionais, elas trazem consigo representações que foram acumuladas ao longo do tempo. Essas experiências contribuem para a



construção de um saber prático que, embora não se apresente de forma sistemática, reflete uma compreensão implícita sobre o conceito de avaliação na educação infantil.

Assim, para que as práticas pedagógicas não sejam realizadas de forma alienada ou descontextualizada, é imprescindível que essas experiências práticas sejam constantemente articuladas com fundamentações teóricas sólidas. A ausência de uma base teórica pode limitar a capacidade crítica do docente e comprometer a intencionalidade educativa, fazendo com que a avaliação se torne uma atividade mecânica, sem propósito formativo. Segundo Contreras (2002), a reflexão crítica permite ao educador desenvolver sua prática em um contexto emancipatório, possibilitando-lhe um conhecimento crítico da realidade por ele vivenciada, para quem sabe poder transformá-la. Portanto, o diálogo entre teoria e prática é essencial para que as educadoras desenvolvam uma compreensão mais ampla e consciente sobre os processos avaliativos, garantindo que suas ações estejam alinhadas a princípios pedagógicos que promovam o desenvolvimento integral das crianças.

Em sua maioria, as educadoras sustentam que a avaliação na educação infantil deve ser processual, contínua e diária, pautada na observação cuidadosa do desenvolvimento das crianças em suas individualidades. Essa perspectiva vai ao encontro com o estudo realizado por Lemos (2019, p. 60), onde retrata que “a proposta avaliativa, que almejamos para a educação infantil, demanda uma prática que favoreça o trabalho do educador e o desenvolvimento da criança”. Isto é, exige de uma ação organizada planejada e sistematizada focada no desenvolvimento individual da criança. Tal visão direciona a avaliação a ser compreendida como um processo em constante evolução, no qual, a cada etapa e momento, espera-se que a criança desenvolva habilidades essenciais que contribuirão para seu desenvolvimento integral.

A Educadora 1, ao afirmar que “[...] quando coloca o nome avaliação, me vem a ideia de uma grande responsabilidade. É pesado!”, demonstra uma grande preocupação em relação ao termo utilizado para designar o processo de avaliação. A docente ressalta que o termo “avaliação” pode, muitas vezes, carregar uma conotação pejorativa que amedronta e dificulta a compreensão e a verificação da aprendizagem das crianças. Essa inquietação apresentada pela educadora não é infundada; na verdade, reflete uma construção histórica que moldou a percepção do conceito de avaliação como algo “pesado”, complexo e intimidador.

CONSIDERAÇÕES

Os resultados da pesquisa evidenciam que a avaliação na Educação Infantil, embora reconhecida pelas educadoras como um processo contínuo e formativo, ainda encontra barreiras significativas para sua efetivação, sobretudo devido à ausência de orientações institucionais consistentes e de uma formação específica voltada para esse campo.

Nesse sentido, torna-se evidente que a formação docente desempenha um papel central para ressignificar as representações sociais das educadoras sobre



avaliação. A ausência de formação continuada e de acompanhamento pedagógico sistemático limita o exercício crítico da prática e pode induzir a ações mecânicas e pouco intencionais. Como defende Contreras (2002), a reflexão crítica é imprescindível para que os docentes possam compreender sua realidade e transformá-la. Assim, investir na formação de professores da Educação Infantil significa fortalecer sua capacidade de articular teoria e prática, favorecendo a construção de práticas avaliativas mais conscientes, inclusivas e alinhadas às necessidades das crianças.

Por fim, compreendemos que superar os desafios da avaliação na Educação Infantil exige políticas públicas e institucionais comprometidas com a valorização e a formação permanente dos professores. Isso implica a oferta de espaços de reflexão, acompanhamento pedagógico e suporte técnico que permitam ao educador desenvolver práticas avaliativas coerentes com a proposta de uma educação emancipatória. Dessa forma, a avaliação pode deixar de ser vista como um “peso” e passar a ser compreendida como uma aliada no processo de desenvolvimento integral das crianças, respeitando sua singularidade e potencialidades.

Palavras-chave: Avaliação. Infância. Formação docente.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- CONTRERAS, José. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.
- GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro 2005.
- HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. Porto alegre: Mediação, 1996.
- LEMOS, Neide Naira Paz. **Avaliação da aprendizagem na Educação Infantil: fundamentos teóricos e metodológicos**. 2019. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.